

A VIDA DAS MULHERES DA VIDA: A LUTA PELA REGULAMENTAÇÃO TRABALHISTA

XXIII Encontro da ABRAPSO Minas - Psicologia Social Crítica e interseccionalidade: violências, resistências e perspectivas, 23ª edição, de 20/04/2023 a 22/04/2023
ISBN dos Anais: 978-65-5465-029-8

PARREIRAS; Andressa Wirgínia Borges ¹, ALVES; Lucas Matoso ²

RESUMO

A partir da experiência adquirida com os eventos, preparações pré-campo e visitação à zonas de prostituição do projeto extensionista do Programa Interno de Incentivo à Pesquisa e à Extensão (Proinpe) nomeado de “Putaluta: Feminismo, Trabalho e Direitos das Profissionais do Sexo de Divinópolis/MG” o qual nos possibilitou conhecer a emergência das prostitutas enquanto sujeitas políticas e a busca incessante por direitos trabalhistas, dignidade sexual, autonomia do corpo, combate à violência e acesso à saúde. Partindo da perspectiva que a prostituição também é uma forma de trabalho e que assim urge por condições trabalhistas dignas, o interesse para a Roda de Conversa é explicitar e debater os quatro modelos teóricos e práticos relacionado aos diferentes regimes legais para a questão da prostituição enquanto trabalho que são: a visão regulamentarista, proibicionista, abolicionista e a visão laboral. O interesse principal por esse tema só foi possível após a realização de um levantamento bibliográfico no google acadêmico onde observamos que muitos dos trabalhos na área já publicados partem de uma análise distante do grupo de estudo, ou seja, não tomam a experiência das prostitutas como sujeitas de pesquisa. Com isso, destinamos os nossos esforços a encontrar obras protagonizadas por trabalhadoras sexuais ou pesquisas que trouxessem a visão delas sobre o cenário ideal para que pudessem exercer plenamente e de forma segura o ofício. Nos debruçamos sobre livros, filmes, podcasts, conversas com pesquisadores (as) da área e o principal que era ouvir as trabalhadoras sexuais. Visto que no município de Divinópolis não foi possível identificar um movimento organizado de profissionais do sexo, fomos até a capital mineira (Belo Horizonte), que possui uma das maiores zonas de prostituição da América Latina e visitamos a Associação de Prostitutas de Minas Gerais (APROSMIG), fizemos algumas visitas à hotéis e conhecemos algumas trabalhadoras. Dessa maneira, gostaríamos de reiterar a urgência da academia e dos acadêmicos exercitarem uma mudança de paradigma e da forma como a prostituição é tratada em nossa sociedade e da marginalização a qual essas mulheres são dispostas. O interesse é a construção de um saber com mais propriedade, o que exige foco na escuta, diálogo e respeito. Enquanto extensionistas, gostaríamos de trazer para o cerne do debate alguns pontos que nos chamou a atenção, que, após ouvir o que essas mulheres lutam e o que dizem há tempos. Somado ao cenário extremamente misógino da sociedade atual, é necessário refletir sobre a regulamentação trabalhista da prostituição no Brasil e que a ausência de um reconhecimento por parte do Estado é o que garante condições laborais totalmente insalubres e abusivas. Por isso, pretendemos dialogar sobre como o estigma da prostituição é sustentada por diferentes formas de desigualdade social e a partir de corpos socialmente oprimidos.

PALAVRAS-CHAVE: prostituição, regulamentação trabalhista, feminismo

¹ UEMG Universidade do Estado de Minas Gerais, andressa_parreiras@hotmail.com

² UEMG Universidade do Estado de Minas Gerais, lucas-matoso@hotmail.com

